

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JUNHO DE 2013)

Com base na amostra representativa da IACA (atualmente 19 empresas, o que significa que o peso da amostra é agora de cerca de 75% da produção associada), constata-se que **em junho de 2013** a produção se situou em 165 667 toneladas contra as 178 912 tons produzidas em junho de 2012, o que representa uma quebra de 7.4% relativamente ao período homólogo do ano passado, na linha dos meses anteriores, mas infelizmente com maior expressão (cerca de menos 13 240 tons).

Trata-se da **décima primeira variação negativa** consecutiva, ou seja, desde agosto de 2012 que a produção de um mês não é igual ou superior à do seu homólogo do ano anterior, o que constitui, naturalmente, motivo de grande preocupação para todos nós, para a pecuária em geral – porque é um indicador da retração deste sector – e, consequentemente, para a economia nacional, como temos vindo a acentuar junto do Governo e publicamente.

Na passada 6ª feira, dia 19 de julho, fomos recebidos pela Comissão de Economia da Assembleia da República, no quadro da Plataforma “Peço Português” e, na qualidade de porta-voz, insistimos nas mesmas mensagens que levámos ao Presidente da República: **não basta promover as exportações, há que criar condições para que o mercado interno funcione já que este é, sem margem para dúvidas, o grande mercado para as nossas empresas.** Crescimento, emprego e menos austeridade; mais equidade nas relações comerciais entre a Europa e o resto do Mundo, sobretudo ao nível das regras que são impostas às produções europeias e aos produtos importados de Países Terceiros.

Precisamos de políticas públicas que promovam a produção e consumo de produtos nacionais, de menos burocracia, mais crédito, flexibilidade no licenciamento, sobretudo ao nível do REAP e constrangimentos ambientais e que a Pecuária seja considerada, uma atividade prioritária para Portugal, no próximo Quadro Comunitário de Apoio. Deixámos, uma vez mais, o repto aos deputados no que respeita ao problema das matérias-primas e a volatilidade excessiva: **que os contratos ao nível da cadeia alimentar, sobretudo com a grande distribuição, sejam indexados à evolução dos preços das principais matérias-primas para a alimentação animal.**

Tal como noutras situações, a cumplicidade com os nossos objetivos foi total e o reconhecimento da importância de uma estrutura que atue em Plataforma foi altamente valorizada. Seria bom que a mensagem fosse interiorizada e aplicada por todos os partidos políticos, nesta nova fase em que precisamos de estabilidade e de um novo rumo para o País. Num verdadeiro espírito de salvação nacional porque sem emprego e sem empresas, com níveis de consumo de há 30 anos, em que os bens essenciais estão a ser **“sacrificados”**, não haverá salvação possível. É tempo de ouvir os empresários, os parceiros sociais e quem representa os diferentes Setores e, acima de tudo, exigir coerência entre o que se afirma nas reuniões de trabalho e a prática e a definição de estratégias políticas para o agroalimentar.

Com todo este panorama, em junho, comparativamente a igual período de 2012, todos os subsectores registaram quebras mais ou menos significativas, de -4.9% nas aves, -8.1% nos bovinos, -11.7% nos suínos e -6.3% nos outros animais. Refira-se que, de uma forma geral, os petfoods não estão representados nesta amostra, pelo que a quebra neste segmento “outros animais” indica reduções de oferta sobretudo ao nível dos alimentos para coelhos e pequenos ruminantes. Ao que sabemos e pelo

investimento já anunciado por algumas empresas do nosso setor, o mercado dos alimentos para cães e gatos parece ter um potencial interessante, confirmando a redução de importações, com mais produção de origem nacional, sobretudo no canal da grande distribuição. Permanece, no entanto, um aspeto importante que a IACA continua a ter bem presente: o diferencial na taxa do IVA entre Portugal e Espanha.

Com mais ou menos dias de fabrico neste primeiro semestre, e apesar dos “cuidados” que devemos ter nas evoluções e comportamentos das empresas dentro da amostra – que aqui temos relatado, sendo por isso do conhecimento de todos -, “os dados estão lá” e refletem as dificuldades das empresas e a situação muito difícil em que vivemos: os preços das matérias-primas, em especial na soja, não baixam e continuamos espartilhados entre o “oligopólio” dos fornecedores de matérias-primas e os fundos de investimento que especulam, a volatilidade, e “o oligopólio” da grande distribuição organizada que, esmaga margens e, em nome dos consumidores, tudo lhes é permitido. Na nossa audiência confirmámos que os políticos estão conscientes deste facto e exige-se maior regulação e firmeza, e, da nossa parte, mais cooperação, atuações conjuntas, maior capacidade de organização.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Junho 2012	Junho 2013	Variação (%)
AVES	83 517	79 395	-4.9
BOVINOS	40 042	36 807	-8.1
SUINOS	44 793	39 569	-11.7
OUTROS	10 560	9 896	-6.3
TOTAL	178 912	165 667	-7.4

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	2011*	2012*	2013	Toneladas
				VAR%2013/12
JANEIRO	180 964	193 948	178 276	-8.1
FEVEREIRO	172 808	185 985	161 491	-13.2
MARÇO	198 461	198 516	172 802	-13.0
ABRIL	179 066	183 558	180 908	-1.4
MAIO	195 260	194 486	186 868	-3.9
JUNHO	199 816	178 912	165 667	-7.4
JULHO	194 498	196 528		
AGOSTO	204 199	193 910		
SETEMBRO	202 364	162 648		
OUTUBRO	201 030	192 497		
NOVEMBRO	206 567	185 236		
DEZEMBRO	196 063	176 268		
TOTAL	2 331 096	2 242 492	1 046 012	-7.9

*Dados relativos à nova amostra representativa

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)

	JAN-JUN 2012	JAN-JUN 2013	Toneladas VAR %
AVES	496 881	493 335	-0.7
BOVINOS	259 294	231 326	-10.8
SUINOS	305 560	255 815	-16.3
OUTROS	73 670	65 536	-11.0
TOTAL	1 135 405	1 046 012	-7.9

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
JANEIRO	81	80	44	40	57	48	13	12
FEVEREIRO	79	76	43	35	52	40	12	10
MARÇO	85	84	47	37	53	41	14	11
ABRIL	81	86	43	40	48	44	12	11
MAIO	88	89	43	42	51	45	13	11
JUNHO	84	79	40	37	45	40	11	10
JULHO	93		45		47		12	
AGOSTO	90		45		48		11	
SETEMBRO	75		38		41		9	
OUTUBRO	85		45		51		11	
NOVEMBRO	82		43		49		11	
DEZEMBRO	81		39		46		11	
TOTAL	1004	494	515	231	588	258	140	65

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a saída de uma empresa

Neste quadro, de grandes preocupações e com um junho em forte quebra face ao mês anterior (-11.3% contra -8.0% em igual período de 2012), foram 6 (6 no mês de maio) as empresas que apresentaram, neste primeiro semestre de 2013, produções mais elevadas que no ano anterior e que representam cerca de 44.5% da produção da amostra (contra 39.4% em 2012). Com os dados de junho, a produção acumulada manteve-se numa quebra de 8% mas é de salientar que durante estes 6 meses, os dias de fabrico foram diferentes (149 dias em 2012 e 146 dias em 2013) pelo que a diminuição, extrapolando-se estes dados é de 6.0% (uma média diária de 7 620 em 2012 contra os atuais 7 165 tons em 2013, dentro do universo da amostra) produzindo-se uma média cerca de menos 500 tons/dia relativamente ao ano passado.

Por outro lado, ao nível do chamado “*mercado livre*”, registou-se, em junho, uma redução de 9.9%, contra a quebra global de 7.4% já referida e um acumulado de -11.4%, diretamente ligada à diminuição da produção de alimentos compostos para ruminantes e contrariamente à tendência do ano passado. Dentro da nossa amostra, este segmento de mercado representou, no período de janeiro a junho, 39.9% da produção, contra os 41.6% de 2012. Uma perda de cerca de 53 900 tons neste primeiro semestre de 2013.

Relativamente aos **mercados pecuários**, na **avicultura**, os preços do frango apresentam neste final de julho cotações de 1.20 €/kg de peso vivo, uma subida face ao mês anterior e os ovos entre os 0,46 e 0,68 €/dúzia, o que representa uma tendência de forte quebra. Apesar de expectativas de manutenção destes preços, o setor apresenta perspetivas muito pessimistas, sobretudo ao nível dos ovos, tendo em conta o excesso de oferta no mercado europeu para fazer face à procura. As exportações só são possíveis a baixos preços e os mercados tradicionais de exportação avícola como por exemplo os países do Médio Oriente vivem situações políticas de enorme instabilidade. Nos **bovinos**, depois da tendência mista de manutenção e quebra, regressou a estabilidade nas cotações, que registam agora 4.00 €/kg carcaça nos novilhos e novilhas e 2.75 €/kg carcaça nas vacas. Os abates semanais têm registado alguma subida mas nas últimas semanas tem diminuído o peso médio dos animais abatidos. No entanto, o facto é que o número de animais para abate se situa em níveis inferiores aos de 2012. Com uma oferta em quebra e um consumo ainda mais reduzido pela quebra do poder de compra, não podem existir perspetivas de melhoria no curto prazo. Acrescem ainda as preocupações neste setor pelos resultados práticos na reforma da PAC. Aqui está um exemplo do que ainda há a decidir: se as ajudas às vacas aleitantes continuam ligadas, como parece ser o caso, e que montantes irão ter no futuro, sendo provável que a % de ligamento das ajudas (globalmente para todos os setores, incluindo o artigo 68º) venha a diminuir porque Portugal tem um nível atual na ordem dos 22%, acima dos 15% que estão “em cima da mesa”. No setor do **leite**, mantém-se o clima de pessimismo, com baixos preços na produção e preocupações quanto ao futuro do setor perante a reforma da PAC que, á partida, conduzirá a uma redução nas ajudas para os produtores. Também aqui, sem que esteja ainda fechado o envelope financeiro e a sua repartição é difícil fazer previsões ou futurologia. A certeza é o fim das quotas e em setembro, organizada pelo Comissário Ciolos, Bruxelas prepara-se para acolher uma verdadeira Cimeira de representantes da Fileira e dos Estados-membros, com estudos de impacto pós-quotas, que, esperemos, tenham respostas para o curto e médio prazo sobre o futuro do setor na União Europeia e em Portugal. Nos **suínos**, regressou a tendência de subida mas as incertezas continuam a dominar o panorama europeu e o mercado espanhol continua, naturalmente, a influenciar os preços do mercado nacional. Talvez o período estival e as habituais “festas e romarias” promovam o aumento do consumo mas os retalhistas também estão atentos e os descontos em cartão ou outras estratégias de marketing mais ou menos agressivas não deixarão de travar expectativas que, á partida, seriam otimistas.

Por último, do lado das matérias-primas, conhecidas as tendências de quebra nos preços dos cereais mas com a soja ainda em alta, fomos surpreendidos (ou talvez não) com a notícia da Monsanto de que irá retirar os pedidos de autorização de novos OGM (milho e soja) para cultivo na União Europeia, apostando nas sementes convencionais na Europa, e nos eventos transgénicos, nos Países terceiros, os nossos exportadores.

Uma decisão, legítima, depois da BASF, mas que se deve ao problema de aprovação dos OGM: muito tempo perdido, dinheiro e decisões políticas em vez de científicas. Perde-se conhecimento, inovação e competitividade. Promove-se a ignorância e a hipocrisia. Os ambientalistas podem dizer que “ganharam a guerra” dos transgénicos na Europa. Nós sabemos, neste mercado global, que foi a Sociedade quem perdeu verdadeiramente.